



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E LITERATURA

INTERNATIONAL SEMINAR ON PHILOSOPHY AND LITERATURE

PORTUGAL - GOA:

OS ORIENTES E OS OCIDENTES

THE EAST(S) AND THE WEST(S)

Coordenação de Maria Celeste Natário, Renato Epifânio e Maria Luísa Malato



Ficha técnica

Título:

Portugal – Goa: os Orientes e os Ocidentes

Portugal – Goa: The East(s) and the West(s)

Seminário Internacional de Filosofia e Literatura

International Seminar on Philosophy and Literature

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Maria Luísa Malato (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto / Instituto de

Literatura Comparada Margarida Losa)

Paulo Borges (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

Editor:

Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Filosofia

Ano de edição:

2019

ISBN 978-989-8969-35-4

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-35-4/port>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1691&sum=sim>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência FIL/00502.

BARTHES, ORIENTADOR DE ORIENTES

Luís G. Soto

Universidade de Santiago de Compostela, Faculdade de Filosofia
Praza de Mazarelos, s/n, 15782 Santiago de Compostela, Galiza, Espanha
(0034)881812526 | luisg.soto@usc.es

Resumo

O filósofo francês Roland Barthes (1915-1980) visitou o Japão, em finais da década de 60, e a China, em começos da década de 70, e escreveu acerca do seu modo de viver, a sua cultura, a sua política e a sua filosofia. A visão de Barthes é controversa e deu lugar a diferentes críticas. Este texto versa sobre a visão de Barthes acerca do Japão e da China e a resposta de alguns dos seus mais significativos críticos: Stephen Reckert e Simon Leys.

Palavras-chave: Oriente Extremo, cultura, política, filosofia, ética.

Abstract

The French philosopher Roland Barthes (1915-1980) visited Japan, in the late 60s, and China, in the early 70s, and wrote about their way of living, their culture, their politics and their philosophy. Barthes's views were controversial, and so they were criticized in different ways. This paper deals with Barthes's views on Japan and on China and with some of his most significant critics: Stephen Reckert and Simon Leys.

Keywords: Far East, culture, politics, philosophy, ethics.

Um guia

Para falar dessa imensidade e estranheza que é Oriente, onde nunca estive, precisava de um guia. Todo o mais, com o projeto vago de ir a Marrocos, cheguei uma vez, em 1978 quiçá, até Ceuta e ali me detive. Necessitava, pois, como Dante para visitar o Inferno, de um Virgílio. Ou, quiçá melhor, porque nem sou Dante nem a minha empresa é tão arriscada nem tão grandiosa, mas apenas de dar uns passos na imensa e estranha biblioteca acerca de Oriente, precisava de alguém que tivesse andado por ali antes.

Para isso, lembrando a nuvem de rapazes, pobres ou quase, que, ao passar uma fronteira como a de Marrocos, se oferecem para guiar o turista, pensei em Roland Barthes como o meu orientador em Oriente, como o meu «Lazarillo de Tormes», aquele rapaz que guia um cego, pela Espanha do séc. XVI, no romance anónimo e homónimo publicado em 1554 em Burgos e Antuérpia.

Japão, império dos signos

Em 1970, Barthes publica *L'empire des signes*¹, um livro de criação e, antes bem, de especulação, alicerçado nas suas três visitas ao Japão, onde estivera de cada vez aproximadamente um mês, uns anos antes (em 1966, 1967 e 1968)². De facto, esse país — e esse mergulho no Oriente— seria literalmente um pré-texto: um texto anterior (mas também interior: ou seja, vivido), que é recriado e com o qual se especula nesse outro texto, *L'empire dos signos*. Para Barthes, o Japão representa um tecido (ou seja, um sistema) de signos, que confronta com o sistema simbólico ocidental, assinalando linhas de fissura e pontos de fuga. A partir de alguns traços nipónicos, pretende esboçar ou, melhor, apontar um sistema sígnico oposto e, sobretudo, alheio ao regime simbólico ocidental. Esta empresa especulativa constitui, ao tempo que uma indagação teórica, um exercício de escrita.

A base do livro é, pois, a experiência de Barthes como semiologista visitante, que vê o Japão, cuja língua não conhece, como uma nebulosa de signos. Nessa realidade sem palavras, tudo — a comida, a cidade (Tóquio, nem mais nem menos), um espetáculo, um poema, etc. — aparece ante ele como nuvens de signos, em que entra e mexe. O seu olhar persegue a adaptação ao meio. Trata-se, portanto, mais

¹ BARTHES, Roland, *L'empire des signes*, Genève, Skira, 1970.

² SAMOYAUULT, Tiphaine, *Roland Barthes*, Paris, Seuil, 2015, pp. 415, 417.

que de uma visão, de uma observação participante. Com efeito, nas páginas de *L'empire des signes*, o nosso autor oferece, não uma contemplação distante, mas uma intelecção pragmática do universo japonês: feita, se não desde dentro, também não desde fora: a partir de como experimenta diversos aspectos da cultura nipónica e/ou de como se desenvolve em diversos contextos da vida nipónica. Fala do que encontraria um viajante interessado em mergulhar no próprio do país (na sua cultura, na sua vida). Mas, ele é um viajante particular: um semiologista que codifica, descodifica e recodifica esse espaço alheio... e o mundo próprio. À medida que penetra nesse espaço alheio (orientes), suspende o mundo próprio (ocidente). Com alguns traços desse Oriente, com alguns dos seus signos, ideia uma réplica — melhor, algumas fraturas — do sistema simbólico de Ocidente.

Ao longo de uns vinte e cinco pequenos capítulos³, Barthes vai debulhando os traços nipónicos com que esboça uma configuração dissidente, e nisso alternativa, à simbólica ocidental. Esses traços podem agrupar-se nuns temas maiores: a língua e, à parte, a escrita, a alimentação (pratos, palitos, *sukiyaki*, *tempura*), a cidade (Tóquio), o teatro (o *bunraku*, sobretudo), o haiku (e, com ele, o zen), a geografia humana (corpos, rostos, algum jogo, a cortesia, algum espetáculo). Como se pode apreciar, na sua maior parte, os traços são tirados da experiência imediata: andar pela rua, no restaurante, visitar um teatro ou assistir a um espetáculo. Seria o que de boas a primeiras percebe um turista, mas um turista informado, que não se perde, com conhecimentos sobre a realidade japonesa. Às vezes as suas interpretações dos traços nipónicos resultam discutíveis, quando não mesmo erróneas: correspondem mais à perceção do visitante do que à realidade japonesa. Por exemplo, a postulação de um “centro vazio”⁴ como coração de uma cidade como Tóquio. Que, por outra parte, é magnificamente descrita como uma rede de interfaces, sem direções,... apontando com isso um contramodelo da cidade (e não só dela) ocidental. Em qualquer caso, o nosso autor, debulhando esses traços nipónicos, que de facto não toma mais que como sugestões, vai debuxando a sua aposta semiológica.

A este respeito, resultam sumamente ilustrativos os capítulos sobre o haiku⁵. Neles, a propósito das práticas do budismo zen, encara a fratura do sentido (a

³ BARTHES, Roland, *L'empire des signes, Œuvres complètes*, Paris, Seuil, 2002, III, p. 439.

⁴ «Centre-ville, centre vide » (BARTHES, *op. cit.*, III, p. 376).

⁵ BARTHES, *op. cit.*, III, pp. 403-415.

suspensão da linguagem) e até mesmo a isenção do sentido (a obstrução da linguagem), do qual se seguiria, como consequência, a revelação do acontecimento. Este, porém, não teria nada de especial: seria um facto qualquer que aparece como tal, na sua estrita facticidade, como numa designação e sem significação alguma. Curiosamente, uma prática linguística (o haiku é uma composição poética) é encarregada de acabar com a linguagem e propiciar esse despertar. O que conecta com o valor que Barthes dá, em *L'empire des signes*, à escrita, não só em geral, senão também à sua própria *in actu*, cujo produto é esse livro.

Precisamente, sobre o haiku, como forma de anotação no caminho ao romance, voltará Barthes, no curso de 1978-79: «De la vie à l'œuvre»⁶. Eis uma mostra da produtividade da receção, a sua inserção na obra própria. Ora bem, estas reflexões sobre o haiku, no curso de 1978-79, patenteiam uma influência da cultura japonesa, mas até seriam possíveis mesmo sem que o nosso filósofo tivesse estado lá. Ficamos, pois, com *L'empire des signes*, e vamos com a sua receção crítica.

O Japão de Barthes: uma mitologia feliz?

Antes, no breve resumo do livro⁷, fizemos deslizar algumas críticas que têm um ilustre antecedente, o artigo «Império dos signos ou imperialismo dos significantes?» de Stephen Reckert⁸.

Em nossa opinião, a crítica de Reckert incide em três pontos: a perceção do objeto, o estatuto do autor, e a ausência de crítica. O título do artigo, «Império dos signos ou imperialismo dos significantes?», já faz pensar, tanto numa compreensão errônea, signos ou significantes, quanto numa deserção crítica, império ou imperialismo.

Dada a natureza do livro, *L'empire des signes* – que qualificamos de especulação a partir de uma experiência, a primeira linha crítica, o erro na perceção e a distorção no conhecimento – tem um interesse relativo. Porque não se trata de captar e refletir, mas de imaginar e idear, escrevendo, diria Barthes, um sistema simbólico diferente e alternativo do ocidental. Para esta finalidade, o erro, se é criativo, também é válido. Contudo, vejamos as deficiências assinaladas por Reckert.

⁶ BARTHES, Roland, « De la vie à l'œuvre », in *La préparation du roman I et II*, Paris, Imec-Seuil, 2003, pp. 53-136.

⁷ Cfr. SOTO, Luís G., *Barthes filósofo*, Vigo, Galaxia, 2015, pp. 68-71.

⁸ RECKERT, Stephen, «Império dos signos ou imperialismo dos significantes», in VV. AA., *Leituras de Barthes*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp. 57-66.

Podemos centrá-las em uma: Barthes, que não sabe japonês, interpreta mal o vazio na cultura japonesa, exemplarmente já no caráter que, segundo Barthes, o representa⁹. Reckert corrige os erros de Barthes acerca deste caráter e da aparição constante do vazio em múltiplos pormenores da vida e a cultura no Japão¹⁰. No fundo, estaria a aposta, metafísica e ética, que faz Barthes: o Nada, em lugar do Ser¹¹. Em nossa opinião, Reckert provavelmente tem razão: Barthes engana-se, muito provavelmente, na apreciação do vazio na língua, na cultura, na vida japonesas. Mas, isto não condiciona a sua aposta num sistema simbólico diferente e alternativo, visto que se trata de realizar uma especulação.

Uma segunda crítica tem a ver com a elucidação do estatuto do viajero, o autor de *L'empire des signes*. Como este é um texto sobre um lugar imaginário, e fantasmático, podemos atribuir-lhe, ironiza Reckert, um autor também fictício: um personagem estrangeiro de visita no Japão, de cuja chegada se dá notícia num jornal, segundo recolhe Barthes nas páginas de *L'empire des signes*: Róran Báruto-shi, um «conhecido teórico» internacional «em missão cultural»¹². Reckert sublinha o tratamento: Báruto-shi, senhor dom, e não Báruto-san, um homem do comum. Em suma, a posição de Barthes no Japão é de senhor (e estrangeiro), alguém com autoridade, que pode permitir-se uma distância com respeito ao Japão. E, portanto, jogar e gozar: «jouer» para «jouir», como concluirá Reckert¹³. Esta posição de privilégio, pelos recursos, o crédito e a imunidade de que se dispõe como abastado estrangeiro, influencia, com certeza, a perceção e a apreciação, o julgamento, que se faz acerca do Japão e o império dos signos. Ironicamente, aquilo que reprova Reckert a Barthes é a falta de crítica.

Eis a terceira crítica: a ausência de um julgamento crítico da realidade japonesa. Reckert toma de Barthes a consideração de *L'empire des signes* como uma «mythologie heureuse», mas faz ecoar nessa qualificação um sentido crítico¹⁴. Aponta-o no título: “Império dos signos” ou “Imperialismo dos significantes”? Depois, no artigo deixa a resposta a quem ler, mas, pelas observações críticas que faz sobre a língua japonesa (fortemente hierarquizada) e sobre o quotidiano

⁹ RECKERT, «Império dos signos ou imperialismo dos significantes», op. cit., pp. 61-63.

¹⁰ *Ibid*, pp. 63-65.

¹¹ BARTHES, *L'empire des signes, Œuvres complètes*, op. cit., III, pp. 410, 412.

¹² RECKERT, «Império dos signos ou imperialismo dos significantes», op. cit., p. 58.

¹³ *Ibid*, p. 65.

¹⁴ *Ibid*, pp. 58-59.

japonês (alucinado diariamente pelos japoneses), Reckert inclina-se pelo “imperialismo dos significantes”¹⁵. E, para Reckert, era esperável que Barthes, um crítico da sociedade ocidental (que enuncia e denuncia as suas mitologias), também fosse crítico, sequer algo parecido, com aquele Oriente, em vez de lhe consagrar uma «mitologia feliz» (com o risco de nela o consagrar). A explicação, para Reckert, está no erotismo, felizmente desenvolvido lá, e na escrita de um texto de gozo, possibilidades ambas oferecidas a Barthes pelo Japão.

China: insignificância, assentimento

Barthes viaja para a China em 1974: percorre o país, com outros intelectuais franceses, todos eles convidados pela República Popular, numa viagem organizada, entre 11 de abril e 2 de maio. No regresso, publica um texto, «Alors, la Chine?», um artigo de jornal¹⁶ que, um ano depois, acrescentado com algumas páginas motivadas pelas reações causadas pelo artigo, sairá em brochura, com o mesmo título¹⁷. Barthes qualifica este escrito como de circunstância, mas, em nossa opinião, é um texto meditado, alicerçado nos cadernos que ele escreveu durante a sua viagem e que foram publicados, postumamente, em 2009¹⁸. Destes, *Carnets du voyage en Chine*, falaremos ao examinar a receção crítica. Na obra de Barthes, haverá ainda algumas outras pegadas da cultura chinesa: por exemplo, em *Le neutre*, o seu antepenúltimo curso no Collège de France, dado em 1977-78, são várias, e notáveis, as referências ao Taoísmo¹⁹.

Mas baste-nos agora, com a brochura *Alors, la Chine?*, publicada em vida e que contém a sua impressão sobre a China, especificamente sobre a República Popular que fez o convite. Barthes enquadra as suas impressões numa expectativa de reconhecimento, que tira das muitas conversas ali mantidas e visitas ali feitas (fábricas, escolas, oficinas, etc.). Segundo o nosso autor, ele e os seus acompanhantes foram para lá carregados de perguntas acerca da sexualidade, a mulher, a família, a moralidade, o sujeito, a linguagem, as ciências. Qual é a resposta que trazem? Em suas palavras, nada. Para ele, talvez essas perguntas se devam à particularidade ocidental, mas a China torna-as, literalmente, «im-

¹⁵ RECKERT, «Império dos signos ou imperialismo dos significantes», op. cit., p. 66, n. 13.

¹⁶ *Le Monde*, 24 mai 1974.

¹⁷ BARTHES, Roland, *Alors, la Chine?*, Paris, Christian Bourgois, 1975.

¹⁸ BARTHES, Roland, *Carnets du voyage en Chine*, Paris, Christian Bourgois, 2009.

¹⁹ BARTHES, Roland, *Le neutre*, Paris, Imec-Seuil, 2002, p. 267.

pertinentes»²⁰.

Ele acharia na China pouca significância²¹. Tudo lhe parece mate, insípido, sem cor. Nomeadamente, a campina (campos sem história), o chá (mostra de cortesia, sem mais), os corpos (sem possível leitura erótica). Em síntese, qualifica tudo isto de aprazível. Apenas alguns raros significantes (o que excede o sentido e incentiva o desejo): a cozinha, as massas de crianças, a escrita. O único texto percebido seria o político²², feito de repetição e estereótipos, mas também de liberdade, esta menos perceptível. Exemplifica isto com a campanha contra Lin Piao e Confúcio (decorrente na altura da visita).

Em resumo, esta seria a conclusão do artigo, China seria, em sua opinião, prosa, dando ao prosaico, recorrendo aqui a Michelet, um sentido positivo, de relaxação de tensões, até de abolição de contrários²³.

Um ano depois, em outubro de 1975, Barthes acrescenta ao texto algumas páginas, motivadas pelas críticas recebidas, pelas reações negativas. Pergunta-se acerca do que é possível dizer ou não dizer. Pela sua parte, pretendeu, e pretende, fazer um discurso nem assertivo nem negador, sendo a sua posição o assentimento, distante e diferente da adesão e da rejeição. A sua seria uma «alucinação negativa», que combina, ou quer ligar, uma infinita feminidade do objeto com uma sabedoria, de tipo taoista, de evitar decidir. Segundo Barthes, essa sua alucinação negativa bateria com a habitual alucinação «dogmática, violentamente afirmativa/negativa ou falsamente liberal»²⁴. E reafirma-se no dizer, o discurso, indireto próprio do intelectual (e o escritor).

Caberia relacionar a atitude de Barthes perante a República Popular China, nesses escritos de 1974-75, com a receção do taoismo, anos depois, no seu curso de 1977-78 sobre *Le neutre*, cujo assunto é o desejo de neutralidade. Ele, porém, não o faz.

A China de Barthes: silêncio, decência?

Das múltiplas críticas, ficaremos com «Roland Barthes in China», de Simon Leys²⁵, que abrange o artigo, a brochura e até os *Carnets du voyage en Chine*. De facto, a sua

²⁰ BARTHES, « Alors, la Chine? », *Œuvres complètes*, op. cit., IV, p. 516.

²¹ *Ibid*, IV, pp. 517-518.

²² *Ibid*, IV, p. 518-519.

²³ *Ibid*, IV, p. 519.

²⁴ *Ibid*, IV, p. 520.

²⁵ LEYS, Simon, «Roland Barthes in China», *The Hall of Uselessness. Collected Essays*, New York, New York Review of Books, 2013, pp. 375-378.

data é a da publicação desses cadernos.

Leys lembra que a viagem de Barthes e o pequeno grupo dos seus amigos de Tel Quel, em abril-maio de 1974, coincide com a campanha de denúncia de Lin Piao e Confúcio: uma purga colossal e sangrenta. Desta violência totalitária, Barthes, no seu regresso, dá uma visão jovial. Leys censura o silêncio de Barthes, mas num tom algo exculpatório, talvez porque Barthes, no seu artigo, diz que dessa campanha só teve a versão oficial. Em todo o caso, Leys cita Lu Xun, segundo ele o mais genial panfletário do séc. XX, que qualifica a civilização chinesa como carnificina humana, dizendo que aqueles que louvam essa civilização não sabem do que falam, nomeadamente os estrangeiros, cuja posição os torna cegos e obtusos²⁶.

Leys é mais duro com a brochura, com «a vontade de silêncio em forma de um discurso especial», esgrimido Barthes, discurso que não seria «nem assertivo, nem negador, nem neutral». Leys remete esta pretensão a um falar sem dizer nada, que Barthes brandiria contra «as pessoas comprometidas e outros vilões detentores do, palavras de Barthes, sentido brutal»²⁷. Quiçá por este segundo silêncio, em 1975, Leys censura o primeiro, em 1974, sendo apenas atenuante a ignorância.

Leys é ainda mais duro com os *Carnets du voyage en Chine*, mas desta vez desculpa Barthes, por se tratar de uma publicação póstuma, mais de vinte anos após a sua morte. Considera que Barthes, contra o que diz Sollers, carece do que Orwell chama a virtude da «decência ordinária», pois para isso não possui «a simplicidade, a honestidade e a coragem» necessárias²⁸. Nos *Carnets du voyage en Chine*, Barthes recolhe, assinala Leys, a interminável propaganda do regime, algumas anotações pessoais (entre elas, sublinhamos, a longa e terna pressão da mão de um «belo operário»), e nenhuma indignação, exceto pela comida, a cozinha detestável, servida por Air France no avião de retorno²⁹. Apesar de tudo, Leys lembra que este escrito são notas privadas e que, em fim de contas, Barthes não o publicou. Recrimina e acusa aqueles que, em 2009, o publicam.

A este respeito, apontamos, pela nossa parte, a mudança das circunstâncias políticas na China e da perceção que dela tem o Ocidente: esses cadernos são publicados em 2009, vinte anos depois de Tiananmen (1989) e as subseqüentes

²⁶ *Ibid*, p. 375.

²⁷ *Ibid*, p. 376.

²⁸ *Ibid*, p. 377.

²⁹ *Ibid*, pp. 376-377.

mudanças socioeconômicas na China. Em 2009, a República Popular e Barthes com ela estão na parte maldita... Os intelectuais ocidentais, entre eles os acompanhantes de Barthes (nomeadamente Sollers, citado por Leys), há muito que mudaram as suas preferências políticas... Mas Barthes, se vivesse depois de 1980, não o teria feito também?

Com estas observações queremos incidir na posição do estrangeiro e o intelectual, salientada antes por Reckert e agora por Leys citando Lu Xun. É certamente uma posição de privilégio, mas também vicária, e não desprovida de interesse. Barthes visita China convidado pelo regime vigente. Como convidado pode ter-se sentido comprometido, até intimidado, pelo que iria dizer. Além disso, reparemos que se, como aponta Reckert, o que escreveu a propósito do Japão pode ser entendido como uma glorificação, ou falta de crítica a respeito do Japão contemporâneo, então, convenhamos também que o que diz sobre a China, nomeadamente, o seu negar-se a dizer, pode ser entendido como um desafeto e até uma censura.

Já para concluir: E mais? E porém?

No começo, mencionei Marrocos, porque, além do Japão e da China, houve, para Barthes, um outro Oriente: o Oriente Próximo, representado pelos países árabes. Até porque ele residiu em Alexandria, como leitor na universidade, em 1949-50³⁰ e em Rabat, como professor universitário, no ano académico de 1969-70³¹. E visitou, como turista, Marrocos e Tunísia desde 1960 até ao final da sua vida³². Em especial, Marrocos teve grande importância na sua vida e, também, na sua obra, do qual é boa mostra o texto *Incidents*, datado em 1969, mas só publicado postumamente, em 1987³³.

Disto, do Oriente Próximo, haveria ele de falar também, mas serão outras águas. Entretanto, vamos concluir, depois de termos revisitado com Barthes e os seus críticos o “Oriente Extremo”, sendo certo que, a nosso ver, o Oriente deixou em Barthes uma pegada produtiva e tem na sua obra uma presença enriquecedora, susceptível de crítica, mormente construtiva, e de inspiração construtora,

³⁰ Em *Roland Barthes par Roland Barthes*, publicado em 1975, o nosso autor consigna a estância como leitor em Alexandria, mas não em Rabat (BARTHES, *Roland Barthes par Roland Barthes, Œuvres complètes, op. cit.*, IV, p. 754).

³¹ CALVET, Louis-Jean, *Roland Barthes*, Paris, Flammarion, 1990, pp. 209-220.

³² SAMOYAUULT, *Roland Barthes, op. cit.* p. 452. CALVET, *Roland Barthes, op. cit.*, p. 273.

³³ BARTHES, Roland, « Incidents », in *Incidents*, Paris, Seuil, 1987, pp. 21-61.

designadamente, emancipatória. Revisitando alguns textos significativos, dele e de leitores dele, tentamos tirar algum proveito, com uma atitude que nos lembra o episódio das uvas no *Lazarillo de Tormes*.

Estando em Almorox, e dispondo dum racimo de uvas, Lázaro e o seu patrão acordam comê-las por turnos, colhendo do racimo uma de cada vez. Mas, Lázaro, aproveitando o patrão ser cego, come de três em três... Para a sua surpresa, é descoberto por aquele... porque o cego comia as uvas de duas em duas e Lázaro não dizia nada³⁴.

Bibliografia

- BARTHES, Roland (1970), *L'empire des signes*, Genève : Skira.
- BARTHES, Roland (1975), *Alors, la Chine ?*, Paris : Christian Bourgois.
- BARTHES, Roland (1987), « Incidents », in *Incidents*, Éd. François Wahl, Paris: Seuil, pp. 21-61.
- BARTHES, Roland (2002), *Œuvres complètes*, I-V, Édition de Éric Marty, Paris : Seuil.
- BARTHES, Roland (2002), *Le neutre. Notes de cours au Collège de France 1977-1978*, Texte établi, annoté et présenté par Thomas Clerc, Paris : Imec-Seuil.
- BARTHES, Roland (2003), « De la vie à l'œuvre », in *La préparation du roman I et II. Notes de cours et séminaires au Collège de France 1978-1979 et 1979-1980*, Texte établi, annoté et présenté par Nathalie Leger, pp. 23-161, Paris : Imec-Seuil.
- BARTHES, Roland (2009), *Carnets du voyage en Chine*, Édition de Anne Herschberg Pierrot, Paris : Imec-Christian Bourgois.
- CALVET, Louis-Jean (1990), *Roland Barthes*, Paris : Flammarion.
- Lazarillo de Tormes* (2011), Edición, estudio y notas de Francisco Rico, Madrid: Real Academia Española.
- LEYS, Simon (2013), «Roland Barthes in China», *The Hall of Uselessness. Collected Essays*, pp. 375-378, New York: New York Review of Books.
- RECKERT, Stephen (1982), «Império dos signos ou imperialismo dos significantes», in VV. AA., *Leituras de Barthes*, pp. 57-66, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- SAMOYAUULT, Tiphaine (2015), *Roland Barthes*, Paris : Seuil.
- SOTO, Luís G. (2015), *Barthes filósofo*, Vigo: Galaxia.

³⁴ *Lazarillo de Tormes*, edición, estudio y notas de Francisco Rico, Madrid, Real Academia Española, 2011, pp. 20-21.